

# Far West

Gordon Lumas



**MULHERES  
VENDIDAS**

**Mulheres saciando os desejos dos homens!**

***Mulheres vendidas***  
*Gordon Lumas*

***Título original: Ojo por ojo***

## **RESUMO:**

Quando slate chicoteou a mexicana Juanita, pensou que a tivesse matado. Mark Daniel a encontrou morimbunda e ela disse o nome do assassino: Slate. Desencadeando assim um jogo de gato e rato pelo deserto, terminando em Corona City.

*Disponibilização: Marisa / Digitalização: Marina /  
Revisão: Geraldo*

# 1

Aquele era um povoado como qualquer outro. Mark Daniel se encontrava ali como poderia estar em outra cidade mais para o norte ou para o leste ou ainda para o sul. Ou quem sabe para oeste, embora Mark não soubesse se mais para oeste ainda estaria em território americano. A geografia não era bem o seu forte.

Mulheres, sim.

E a que trombou com ele ao virar a esquina era sensacional.

Possuía tantas curvas, apertadas naquele vestido gasto e desbotado, que faziam um sujeito duvidar que fossem apenas obra da mãe natureza.

Mark imaginou que devia estar delirando. Ali devia ter um truque.

Como para comprovar que ela era real, segurou a moça quase levantando-a no ar.

— Devagar, meu anjo! — exclamou. — Eu sei que endoideço as mulheres, mas até agora nenhuma me atropelou desse jeito.

— Me solte — ela gritou, debatendo-se de maneira selvagem.

Os lindos olhos azuis da estranha demonstravam que ela estava com medo, quase em pânico.

Diante daquela reação, Mark a soltou como se a pele da garota estivesse em brasa. Sem perda de tempo, ela saiu em disparada, como se o próprio demônio a perseguisse.

Perplexo, Mark resmungou, entre os dentes:

— Quero me danar se entendi essa gata selvagem! Esta cidadezinha promete ser divertida!

Pensando na garota, sua sede aumentou. Viu um saloon e apressou o passo. O estabelecimento ficava na esquina de uma rua muito suja e sombreada. Animado, deu um passo para atravessar a rua.

Não chegou a dar o segundo.

Um pequeno furacão de saias veio em disparada e o atingiu em cheio. Mark e uma mulher caíram no chão num emaranhado de pernas, braços, saias e anáguas.

Enquanto a mulher empurrava, tentando se sentar, Mark exclamou:

— Que diabos está acontecendo? Já é a segunda vez que isso me acontece!

A morena não lhe deu atenção, nem mesmo respondeu. Levantou-se como um raio, as saias erguidas deixando à mostra pernas longas e benfeitas que, de acordo com o bom gosto de Mark Daniel, eram as mais lindas que já vira na vida.

Ele sentou-se e já ia abrindo a boca para reclamar, mas desistiu quando a moça o fitou aterrorizada. Rápida, deu meia-volta e saiu correndo como se uma manada de búfalos enlouquecidos a perseguisse.

Envolto na poeira, Mark se levantou. O chapéu voara de sua cabeça. Agarrou-o com um movimento e começou a sacudir com ele o pó de suas roupas.

Acabava de colocá-lo na cabeça quando ouviu passos rápidos vindos da mesma rua. Parou, disposto a se atracar com a próxima dama que quisesse se jogar com ele no chão.

Só que não era dama nenhuma.

Um sujeito vinha correndo da rua sombreada e, ofuscado pelo sol que rompia as nuvens naquele momento, não percebeu que havia alguém a sua frente. A trombada dessa vez foi muito mais forte e pegou Mark desprevenido. Depois do choque, os dois caíram levantando uma nuvem de poeira.

Mark falou todos os palavrões que conhecia. Movido pela raiva, levantou-se e deu um soco no queixo do desastrado, fazendo-o voar.

O homem esperneou no ar. Quando vinha caindo, com os olhos girando nas órbitas, Mark disparou uma direita que atingiu o desconhecido, fazendo-o dobrar-se ao meio e arquejar como um peixe fora d'água.

— Você não é nenhuma gostosona — grunhiu ele, como que dando uma explicação.

Não satisfeito, Mark ainda deu um pontapé na cara do corredor inoportuno e por pouco não lhe arrancou a cabeça do pescoço.

Aquilo foi demais para o homem, que meteu a cara na poeira do chão e lá ficou desacordado.

Mark Daniel deu uma olhada a sua volta, jurando que, se outro marmanjo saísse correndo a toda velocidade e viesse para o seu lado, faria o cara parar a tiros.

Mas parecia que a maratona chegara ao fim. Acabou de atravessar a rua sem problemas e entrou no saloon.

Caminhou até o balcão e pediu:

— Whisky, e muita água!

Ele tinha a garganta parecida com um deserto quando chegara na cidadezinha, mas agora, depois de engolir todo aquele pó, havia piorado muito.

Que estava acontecendo com as mulheres daquele lugar, para correrem mais que avestruzes?, Pensou, enquanto esperava pela bebida.

O homem atrás do balcão olhou de lado para ele e não disse palavra. Serviu o whisky e colocou uma jarra com água sobre o balcão.

Mark engoliu o whisky e depois bebeu a água em grandes goles. Logo depois, um indivíduo veio da rua e se plantou a seu lado.

— Se eu fosse você — disse baixinho — me mandava daqui o mais rápido possível.

— Por quê?

— Não fale alto. O homem que você surrou trabalha pro Slate.

— Edaí?

— Um dos companheiros acabou de recolher o cara na rua e o carregou, porque ele não voltava a si.

— Espero que cuidem bem dele.

— Vão cuidar é de você. Aqueles caras não querem nenhum valentão aqui na cidade.

— Mas eu não fiz nada. Só quebrei o queixo dele. O homem deu de ombros.

— Eu avisei, amigo. Já que você é forasteiro, achei que alguém devia te avisar. — Sem esperar resposta, ele girou sobre os saltos das botas e saiu.

Mark pediu outro whisky e ficou indeciso se gostava ou não daquele lugar.

Se fosse atropelado apenas por mulheres, até que a coisa seria divertida, mas a julgar pelo aviso daquele amável cidadão, os homens do tal Slate podiam fazer coisa pior do que atropelá-lo.

O melhor que tinha a fazer era dar no pé, seguindo o conselho do amigo passageiro.

Saboreou o whisky que o garçom serviu. De qualquer jeito, não tinha mesmo um lugar definitivo para ir. E isso era uma vantagem.

Continuava pensando nisso, quando as portas do saloon se abriram com violência e três homens entraram. Mark virou-se para ver quem acabava de entrar. E deparou com um trio de mal-encarados.

Um deles tinha o rosto amassado e sangrando e vinha apoiado em um grandalhão.

Mas o que chamava a atenção era o terceiro. Pequeno e mirradinho, com pança de ser um pistoleiro profissional. Foi o que Mark concluiu.

Cada detalhe de sua figura, os olhos frios, a pele amarelada, e as roupas pretas. Nem todos os pistoleiros tinham aquele jeito matreiro, mas com o tempo se acabava aprendendo a reconhecer matadores. E Mark os conhecia muito bem.

O homenzinho de ombros caídos era um deles. Trazia um enorme Colt de cano longo pendurado tão baixo que, se suas pernas fossem mais curtas, a arma se arrastaria no chão.

Pararam próximos ao balcão.

O homem da cara amassada fez um esforço e gaguejou:

— É... esse aí...

O grandão soltou o companheiro que, mal se aguentando nas pernas, cambaleou até uma cadeira.

O baixinho olhou para Mark com os olhos vidrados de peixe morto.

— Tanto barulho só por causa desse pedaço de asno? — cacarejou depois de examinar Mark de cima a baixo, parecendo se esquecer de que era o menos indicado para avaliar o tamanho de alguém.

Mark sacudiu a cabeça e, com ar de quem sentia profunda consternação, disse:

— Tem gente que não sabe brincar. O sujeito aí e eu só trocamos uns amigáveis safanões.

— Pois agora você vai fazer a mesma coisa comigo — rosnou o baixinho com uma voz do seu tamanho. — Sou Andy Masters. Aposto que já ouviu falar muito de mim.

— Mas é claro que já. Você é Andy Masters, o pistoleiro.

— Então já sabe que comigo o negócio não é na força bruta.

— Ouvi dizer outras coisas sobre você, Masters.

— É mesmo? Quais?

— O povo diz que você é o pior cão sarnento de todo o território, que você nunca conheceu seu pai e que até de bom humor você é o maior chato da paróquia.

Andy Masters ouviu os insultos sem se alterar. Depois, perguntou com toda calma:

— É só isso o que ouviu a meu respeito?

— Tem muito mais, mas acho que você já sabe.

— Muito engraçado. Mas eu não dou a mínima para o que um moribundo fala.

Nada parecia conseguir alterar o homem. Mark mostrou os dentes num sorriso forçado e disse:

Falando de enterro, Masters... — Ainda não terminara a frase quando levou a mão ao revólver.

Masters não esperava por isso. Talvez pensasse que o forasteiro acabaria amolecendo e pedindo desculpas. Ou que disparasse a correr de tanto medo.

De qualquer modo, sua mão deslizou com a velocidade de um relâmpago e sacou o enorme .45 para fora do coldre. Mas era tarde.

O Colt de Mark era de cano curto e ele puxou o gatilho no momento preciso para que seu disparo fosse o primeiro e o único.

A bala pegou Masters no meio do peito. Ele era tão pequeno que o impacto o atirou de cabeça na parede, de onde escorregou e caiu sem conseguir sequer apertar o gatilho.

O grandalhão levou um tempo para sair do estupor. Disse um palavrão e tentou sacar o revólver.

Havia se esquecido de que não há pistoleiro mais rápido do que aquele que já tem uma arma na mão. Recebeu a primeira bala no peito e rodopiou como um pião. A segunda entrou-lhe pela nuca e quase arrancou-lhe a cabeçorra. A terceira acabou por varar-lhe o corpo, sacudindo-o. E ele caiu de bruços sobre seu assustado cupincha, que assistira ao duelo, sentado numa cadeira.

O peso dos dois quebrou a cadeira e eles rolaram pelo chão sujo, que ficou todo ensanguentado.

Mark Daniel esperou com o revólver engatilhado. O homem da cara amassada teve de fazer um esforço enorme para se livrar do corpo do comparsa que estava sobre o seu.

Quando por fim conseguiu e, ainda de joelhos, levantou os olhos, encontrou o cano de um .45 apontado bem na direção de sua cabeça. Por pouco não desmaiou.

Mark rosnou:

— Então, cara, não vai sacar sua arma?

O homem não pensava nem de longe em bancar o herói e morrer. A única coisa que ocupava seu pensamento naquele instante é que queria viver. Aquele demônio havia acabado com Andy Masters e, se quisesse continuar respirando, não poderia fazer nenhum gesto.

Sua voz parecia vir de muito longe, quando gaguejou:

— Eu... estou... fe... ferido.

— Pois vai morrer se não sumir daqui em dois segundos! Um...

Ele não precisou de outro incentivo. Levantou cambaleando e se apressou porta afora.

Mark olhou em torno a tempo de ver alguns cidadãos desaparecerem quase com a mesma rapidez do outro. Fez uma cara de pesar, recarregou o revólver e colocou-o no coldre.

— Outro whisky — ordenou ao garçom.  
— Pelo menos você poderia oferecer grátis a bebida, depois do show que eu dei.

O homem ia responder, mas pensou um pouco e fechou a boca. Serviu, cobrou e dirigiu-se para a outra extremidade do balcão.

Mark bebeu o whisky em pequenos goles. Agora estava resolvido a sair daquela cidade de uma vez por todas. Colocou o copo vazio no balcão e caminhou decidido em direção à porta.

Mal chegou à calçada e uma bala tirou-lhe o chapéu da cabeça, arrancando lascas da parede de madeira a suas costas.

## 2

Quando o segundo balaço soou, Mark já estava no chão. Rolando pela calçada, soltou uma saraivada de palavrões.

Encostou-se na parede e sacou o .45. Então viu uma figura correndo do outro lado da rua. Era um tipo gorducho e mal-encarado, com uma cabeleira desgrenhada caindo sob o chapéu.

Mas o que o deixou mais furioso foi ver o homem que ele surrara ao lado do mal-encarado, também de revólver na mão.

— Desgraçado, você está pedindo para morrer — rugiu entre os dentes.

Apoiando as costas contra a parede de madeira, começou a atirar, apertando o gatilho com a mão esquerda. As balas saíram tão rápidas que era impossível distinguir entre o som de um estampido e outro. O estrondo parecia não parar mais.

Ao todo, disparou seis balas pela rua, como um enxame de abelhas furiosas. Os dois rufiões começaram a pular como se de

repente tivessem ficado doidos, até que, tropeçando um no outro, caíram no meio da rua, quase abraçados.

Quando a poeira que havia se levantado baixou, Mark estava junto deles para se certificar de que nenhum dos dois ia continuar a atazaná-lo.

Não podiam fazer mais nada. Estavam mortos.

Estalou a língua, enojado. Sentiu o estômago revirar quando rodou o cilindro do .45, recarregando-o.

Acabava de fechar o cilindro, quando uma voz ordenou às suas costas:

— Se quiser continuar vivo, é melhor largar esta arma, forasteiro.

Mark olhou com o rabo dos olhos.

Primeiro viu um Colt velho e sujo apontando para ele. Atrás do revólver havia um sujeito vestido com roupas que tinham conhecido dias melhores e em cuja camisa estava presa uma estrela de lata.

— Não ouviu? — insistiu o homem da Lei.

— Ouvi, sim, senhor xerife.

— Largue esse revólver!

— Eu gosto muito dele, não quero que se suje. Com gesto calmo, deixou-o cair no coldre.

O xerife vigiava-o com seus olhos minúsculos, remelentos e injetados de sangue. Daniel não gostou muito daquele olhar esquisito.

— Você está preso. Não resista, senão vou ter de atirar.

— Pense duas vezes, xerife. Eu só quis me defender.

— Vá contar isso ao juiz.

— Não quero nada com juízes. Eles são aves de mau agouro, uns urubus. Por que não pergunta às testemunhas? Elas dirão o que aconteceu.

— As testemunhas também podem falar com o juiz.

— Outra vez o juiz? Alguém vai acabar com a cabeça quebrada.

— Esse alguém será você. É bom começar a se mexer.

Mark começou a andar diante do olhar curioso dos passantes.

O xerife acompanhava-o bem de perto. Movia-se devagar, como se suas pernas fossem feitas de algodão. Isso explicava seu olhar estranho e, compreendendo, Mark ocultou uma careta.

Diante do gabinete da Lei, o xerife avançou para abrir a porta. Como um raio, Mark Daniel deu um salto e agarrou o revólver do homem, antes de dizer:

— Você é um banana, xerifinho. Eu devia lhe dar um tiro.

— Isso pode lhe custar três anos de xadrez, desgraçado! — disse o xerife lutando para soltar a arma, mas acabou sem ela.

— Uma ova! Entre. Já estou cansado dessa brincadeira.

Empurrou-o com seu revólver para o interior do recinto. Mais um empurrão e o homem já estava sentado em sua poltrona.

Mark sacudiu o Colt no nariz do representante da Lei.

— Que tal se este berro disparasse agora, xerife?

— Você não pode fazer isso, seria assassinato!

— É mesmo? Você acha que eu não faria isso? O homem da estrela de lata parou para pensar. Seu

rosto estava cinzento.

— Sim. Você é capaz.

— Que diabos, andou fumando marijuana?

— Como você soube?

— Andei pelo México. Vi caras mais dopados do que você. Só que nenhum deles tinha uma estrela de lata na camisa.

— Eu fiquei viciado no México há muito tempo.

— Qual é o seu nome?

— Hale.

— Muito bem, Hale, agora me conte o que está acontecendo nestes confins do Judas. Alguma coisa deve estar fedendo pra que a cidade tenha uma autoridade da sua estirpe.

— Não tenho nada a dizer. Fui eleito há muitos anos e continuo no meu posto.

— Não acredito, Hale, aí tem coisa. Vi duas moças sendo perseguidas na rua e ninguém tomou conhecimento. Depois

tentaram acabar comigo... Isso não acontece numa cidade normal, só numa lixeira como esta.

— Não sei do que está falando. Em todo lugar acontecem coisas esquisitas.

Mark suspirou, enojado.

— Quero saber o que posso fazer por você — disse com um ar realmente preocupado. — O melhor seria lhe dar um tiro e acabar com isso de uma vez por todas. Assim você largava do meu pé.

— Está brincando.

— Acha mesmo? Se eu o deixar vivo, você vai formar uma patrulha e ir ao meu encalço.

Hale fez esforço para engolir um nó que parecia ter fechado sua garganta.

— Juro que não — gaguejou. — Você pode ir embora a hora que quiser. As coisas que eu disse foram para salvar as aparências. Você entende, diante dos outros tenho de mostrar autoridade.

— Pelo jeito você banca o durão só quando se trata de forasteiros.

— Pode ir. Dou minha palavra de que vou deixá-lo sair em paz.

— Veja bem. Se você vier atrás de mim, vai haver outro enterro nesta cidade.

Tirou as balas do revólver do xerife e jogou-o num canto da sala. Um instante depois, havia desaparecido pela porta.

Feliz por estar vivo, Hale enxugou o rosto com um lenço imundo. Suava em bicas.

Mark Daniel chegou à rua onde seus problemas haviam começado. Fez um exame em seu cavalo, ainda amarrado no mesmo lugar, e caminhou até o saloon para tomar uma saideira, antes de continuar sua viagem.

Entrou no recinto e encaminhou-se para o bar. O homem atrás do balcão fez um ar espantado ao vê-lo.

— Whisky e água — grunhiu Mark. Enquanto o homem lhe servia, Mark perguntou:

— Você conhecia os indivíduos que eu matei?

— Eles vinham beber aqui, de vez em quando. Todos eles trabalham para o Slate.

— É a segunda vez que ouço este nome. Quem é esse tal de Slate?

— É uma cascavel.

— Fiquei na mesma.

— Não vou lhe dizer mais nada. Não quero ver meu saloon transformado numa fogueira.

— Entendi. Você me mostrou um retrato bonitinho desse Slate. Já conheci gente assim.

— Não como o Slate, amigo.

Mark bebeu, pagou, fez um gesto de despedida e saiu.

Foi até seu cavalo e montou. Deu uma boa olhada em toda a rua e saiu trotando, à procura da saída de Corona City.

Estava de saco cheio daquela cidadezinha miserável. Em pensamento, jurou que jamais voltaria àquele ninho de serpentes.

Como tantas coisas na vida, esse era um juramento que não seria cumprido.

### 3

As carroças avançavam num ritmo constante enquanto o dia ia despontando sobre as montanhas.

Quinze homens escoltavam aquela estranha caravana. Nenhum deles conseguiria um emprego decente porque suas caras eram daquelas que só se vê em prisões.

As lonas das carroças estavam muito bem fechadas, tornando impossível ver o que havia dentro delas.

Carl Slate, um homem de 40 anos, vigoroso, sombrio, temido em todo o território e cuja fama havia chegado até a fronteira, ia montado à frente do comboio na companhia de seu braço direito, outro facínora chamado Paul Longess.

Foi este que resmungou entediado:

— Você vem se queixando o caminho todo sem motivo. Caçamos a mocinha e estamos levando o maior carregamento

desde que começamos. Você parece uma velha carpideira.

— Não estou me queixando do carregamento.

— Então, se queixa do quê?

— Desse bando de idiotas que me cercam. Nenhuma mulher jamais conseguiu escapar.

— Caçamos a garota, não? E foi a melhor de todas.

— E a outra, a mexicana?

— Bom, talvez Stanley ainda a pegue, se tiver sorte. Afinal, uma mexicana vale pouco. Os mineiros não querem mulheres mexicanas.

— Esses cretinos aceitam qualquer coisa que vista saias.

— Eu acho que as mexicanas valem pouco dinheiro para o trabalho que temos para caçá-las.

Slate praguejou:

— Quero me danar se me importo com isso. Preciso da mulher para que sirva de exemplo. Assim, nenhuma das outras se

atreverá a dar mais problemas durante o resto da viagem.

— Entendi.

Continuaram cavalgando em silêncio. O caminho começou a tornar-se íngreme quando iniciaram a travessia das montanhas.

Só pararam ao meio-dia, hora em que foi distribuída comida fria às mulheres que estavam dentro das carroças. Não lhes foi permitido sair.

Estavam a ponto de recomeçar a viagem, quando Paul exclamou:

— Vem vindo alguém, Carl.

Slate olhou para trás, vendo a distância que alguém galopava pela trilha. Quando o cavaleiro se aproximou um pouco mais, ele o reconheceu pelo cavalo.

— Stanley! — disse, satisfeito.

— Vem alguém na garupa dele. A mexicana, garanto.

Stanley era outro dos homens de confiança de Slate. A pessoa que dissera que os sentimentos de Stanley eram os mesmos de um coioote não se enganou.

Quando o bandido freou seu cavalo, foi logo dizendo:

— Encontrei ela, Slate.

Estava molhado de suor e a mulher, atravessada em sua garupa, estava imóvel. Slate berrou:

— O que houve? Você a matou?

— Não. Ela só está desmaiada. Tive de dar uns tabefes nela porque não parava de espernear por todo o caminho.

Soltou a corda que amarrava a mulher e ela caiu no chão como uma trouxa. Slate esfregou as mãos.

— Paul, amarre a dona numa árvore. Vai servir de exemplo para todas essas fulaninhas. Tire elas das carroças.

Enquanto eles a amarravam na árvore, a moça voltou a si. Começou a resmungar e seus olhos arregalados dirigiram-se aos homens mal-encarados que a fitaram sem piedade.

Tiraram cerca de vinte mulheres das carroças.

Eram todas mais ou menos jovens, mais ou menos bonitas e todas tremiam de medo.

Algumas mostravam rio rosto o pânico que sentiam.

Outras pareciam indiferentes a sua sorte. Eram as que haviam sofrido todas as derrotas, todas as humilhações que um ser humano pode aguentar em um meio hostil ao qual ou se adaptava ou se morria. Elas haviam se adaptado.

Apenas uma delas parecia uma mulher de beleza excepcional. Chamava-se May e era nada mais, nada menos que a primeira moça que atropelara Mark Daniel em Corona City.

O olhar maldoso dos homens desviou-se da mexicana para May. Entre eles estava Paul Longess. Mesmo um cara tão frio como ele não pôde evitar um arrepio de excitação.

Aquela mulher era fora de série.

Slate gritou:

— Aprendam com ela, suas burras!  
Ninguém foge de Carl Slate!

Foi até seu cavalo e agarrou um enorme chicote de couro. Com ele deu um estalo no ar, parecido com um tiro.

— Vocês vão ver o que acontece com quem sai sem minha licença. May, venha para a frente. Você tentou fugir com a mexicana, então vou lhe dar uma lição.

A moça deu alguns passos, tremendo. Só que não sentia medo, apenas um ódio imenso, surdo, que a enchia de uma raiva insana e isso era o que ocupava seus pensamentos.

A mexicana amarrada na árvore começou a gemer quando viu a imensa tira de couro nas mãos de Slate. Bem depressa seus gemidos se transformaram em gritos lancinantes quando o chicote começou a desempenhar sua tarefa cruel.

Algumas mulheres viraram as costas, soluçando, incapazes de suportar aquele horrível espetáculo.

Outras simplesmente fecharam os olhos.

Slate continuou batendo, vez após outra, grunhindo como um animal carnívoro sobre sua presa.

A jovem mexicana parou de gritar. Seu corpo não mais tremia, apenas os golpes do

chicote a sacudiam sob seu impacto. Mesmo assim, Slate não parou. O suor corria em seu rosto crispado pelo ódio e pelo esforço, enquanto seu olhar brilhava como o de um demente.

Ninguém tentou detê-lo. Todos o conheciam bem.

Só quando seu braço caiu para um lado, exausto, quase inerte pelo esforço, foi que o castigo terminou.

A moça estava inconsciente sob as cordas. Suas roupas eram trapos empapados de sangue, incapazes de cobrir a chaga vermelha em que seu corpo todo se transformara.

Paul se aproximou e examinou-a. Com uma careta de nojo, afastou-se.

— Não vai durar nem quinze minutos. A mulher está morrendo.

— Assim vou economizar uma bala. Para as carroças! O show terminou.

As mulheres foram novamente empurradas para as carroças. Paul ainda perguntou:

— O que vamos fazer com a mexicana?

— Ela vai ficar ali. Tomara que tenha consciência de que está morrendo como uma cadela.

O capanga encolheu os ombros. Pouco depois, a caravana recomeçava a marcha, deixando para trás aqueles restos sangrentos.

Carl Slate não imaginava as consequências que seu ato selvagem teria no futuro próximo.

## 4

Mark Daniel deixou seu cavalo seguir a rédeas soltas pela trilha, alegrando-se pelo fato de não ter pressa para chegar a canto algum. No alto, nos cumes agudos dos montes, a massa escura dos bosques se tornava sombria com a luz do crepúsculo.

Começou a pensar na ideia de acampar para passar a noite, quando descobriu vestígios de rodas de uma carroça ou duas quando chegou à estrada. As rodas subiam, com certeza à procura de uma trilha que atravessasse a barreira dos bosques que cobriam as montanhas.

Continuou naquele passo moroso seguindo os rastros das rodas, que eram recentes. Logo percebeu que onde elas pararam havia marcas de cascos de cavalos, de botas masculinas e sapatos de mulheres...

De muitas mulheres.

Perplexo, Mark apeou. E sua surpresa aumentou quando percebeu que todas as pegadas das mulheres estavam juntas, como se houvessem formado um grupo compacto.

Coçou a nuca, intrigado. Que diabos tinha acontecido ali? Resolveu deixar para lá, não era da conta dele o que um bando de mulheres fazia.

Ele virou-se para assobiar chamando seu cavalo. Foi quando deu com um corpo amarrado na árvore. Soltando uma praga, saiu correndo.

Só parou ao chegar perto e constatar que era uma mulher. Um calafrio percorreu todo seu corpo.

Nunca havia visto coisa igual em sua vida. O sangue seco formava uma crosta dura sobre os cortes produzidos pelo chicote. O corpo da infeliz era uma chaga só.

As mãos de Mark tremiam quando, com imenso cuidado, levantou o rosto da mulher.

Ali também havia marcas do chicote, mas assim mesmo Mark reconheceu nela a segunda moça que o atropelara no povoado.

Naquele instante, enquanto a raiva tomava conta de Mark, um leve queixume brotou dos lábios da moça.

Mark quase caiu de costas ao perceber que ela ainda estava viva. Nervosamente, cortou as cordas e amparou o corpo em seus braços, colocando-o com suavidade sobre a relva.

Com cuidado derramou água nos lábios machucados, sustentando-lhe a cabeça sobre os joelhos.

— Você pode me ouvir, moça? — perguntou.

As pálpebras se agitaram por um momento.

Não tenha medo, eu não quero lhe fazer mal. Diga quem a chicoteou desse jeito. Está me ouvindo?

Ela abriu os olhos com dificuldade e as pupilas dilatadas, quase sem vida, fixaram-se no rosto do homem inclinado sobre ela.

— Muito bem. Faça mais um esforço: diga quem a chicoteou.

— Ele...

— Quem?

— Slate.

Ela mal podia mover os lábios. Mark resmungou.

— Esse Slate parece ser muito popular. Foi ele quem fez isso com você?

— Sim.

— Sabe onde ele está agora?

— Não. O comboio...

— Um comboio?

— Levando... as meninas...

— Entendi. Olhe, descanse. Vou limpar suas feridas e tratar delas o melhor que puder. Entendeu?

O corpo maltratado sacudiu-se, fraco. Um soluço brotou de sua garganta e a moça morreu.

Mark ficou alguns minutos muito quieto, com a cabeça da moça nos joelhos, como que ninando-a. Olhava-a com um profundo sentimento de pena no coração.

Quando caiu em si, deixou o corpo sobre a relva e começou a cavar um túmulo.

Já era noite alta e soprava um vento gelada sobre o cume das montanhas quando acabou de amontoar pedras sobre o túmulo improvisado. Depois disso preparou suas tralhas para acampar não muito longe dali, onde a moça repousaria até o fim dos tempos, ignorada e só, talvez acompanhada apenas da lembrança do homem que a sepultara.

Naquela noite, Mark mal pregou os olhos. Em seu pensamento continuava a ouvir a voz fraca da moça, pronunciando aquele nome: Slate.

Ainda não havia amanhecido, quando ele se levantou e arreou o cavalo. Deu uma última olhada para o túmulo solitário, montou e seguiu viagem.

A paisagem mudara radicalmente. À medida que se sucediam os quilômetros, os bosques e a vegetação ficavam para trás e a terra se tornava árida, seca e estéril.

O sol ardia sobre a lona como as chamas do inferno e as mulheres, obrigadas a permanecer presas dentro das carroças, mal podiam suportar o calor e a sede.

Até os cavaleiros, ao ar livre, suavam e xingavam aquele calor medonho. Paul resmungou:

— Imagino o que vão fazer quando atravessarmos o deserto.

— Vão aguentar — disse Slate. — Têm de aguentar.

— Eu me referia aos homens, não às donas.

— Que se danem! Todos sabem o que os espera.

— Estive pensando na mexicana, Carl.

— E daí?

— Não devíamos ter deixado ela lá, onde qualquer um pode passar e encontrar seu cadáver.

— Quem você acha que a encontrará? — rebateu Slate, sombrio. — Além disso, quem topar com ela vai ficar louco tentando descobrir o que aconteceu. O que você queria? Um enterro com toda a pompa?

— Só acho que devíamos ter enterrado a dona, mais nada.

Carl Slate virou-se na sela e encarou o empregado com olhos impiedosos.

— Às vezes acho você frouxo demais para esse tipo de trabalho, Paul.

— Diga isso no dia em que eu falhar com você. Slate sorriu. Não queria discutir com Paul porque, entre toda a escória que trabalhava com ele, Paul Longess era o único em quem podia confiar.

— Esqueça — disse. — Você sabe muito bem que é meu braço direito em todos os negócios.

Paul ficou calado. Distanciando-se de seu chefe, parou o cavalo e deixou que as carroças e os cavaleiros passassem, examinando se tudo estava em ordem.

Aos poucos, o sol foi se ocultando no horizonte.

Penhascos impressionantes se erguiam à direita do caminho, formando uma parede vertical e impedindo o vento do deserto de continuar sua viagem.

Slate deu ordens para pararem. Estava cansado e nervoso como sempre acontecia quando atravessava aquele deserto infernal.

Enquanto os homens reuniam os cavalos, amarrando-os com uma enorme corda e espalhando capim seco perto dos animais, as mulheres começaram a deixar as carroças, pálidas, macilentas e desanimadas.

Slate fitou-as com um olhar gelado. Para ele eram simples mercadoria. Mas deteve seu olhar na moça chamada May e quase estremeceu ao sentir o ódio que vinha das profundezas dos olhos azuis, que pareciam desafiá-lo.

A seu lado, Paul reclamou:

— Elas estão horrorosas, Slate.

— Logo melhoram. No fim da viagem, vamos parar perto de algum rio para elas tomarem banho e se alimentarem por uns dias. Mais um pouco e estaremos livres delas.

Acenderam as fogueiras e Slate examinou pessoalmente a distribuição de comida entre as mulheres, que se

mantinham completamente separadas dos homens. Apenas dois rufiões vigiavam para que elas não tivessem ideias perigosas.

Slate parou na frente de May e a provocou:

— Ainda pensa em fugir, dona? Ela o fulminou com um olhar.

— Continuarei pensando até o fim. Slate começou a rir.

— Pensar não vai te fazer nenhum mal, mas tentar, sim. Viu como acabou sua amiguinha mexicana?

— Foi um crime covarde e um dia você vai pagar por ele.

— Não fique histérica. Lembre apenas que, se me der mais problemas, não me importo de ter menos lucro dando o que você merece... como a mexicana.

Furiosa, May cuspiu. Slate teve de saltar para trás para evitar que fosse atingido. Mas voltou-se, possesso, e deu um tapa violento no rosto da moça.

May perdeu o equilíbrio, mas conseguiu continuar em pé. Depois disse, desafiante:

— Você é nojento, Slate. É um porco sujo e covarde, você cheira a podridão.

Slate já erguia a mão novamente quando Paul a segurou.

— Vá com calma, Carl. Você não pode esperar que ela esteja feliz por estar aqui.

Rangendo os dentes, Slate deu meia-volta e se afastou.

À medida que as mulheres voltavam para as carroças, para passarem a noite, o acampamento foi ficando em silêncio.

Paul distribuiu os turnos de guarda, repetindo as instruções de toda noite: nenhum deles poderia se aproximar das carroças nem provocar dificuldades com as moças. Teriam apenas de vigiá-las para que nenhuma tentasse fugir.

As fogueiras foram se extinguindo pouco a pouco.

Os homens que montavam guarda às carroças cochilavam, certos de que nenhuma daquelas mulheres exaustas e aterrorizadas tentaria sequer pôr o nariz para fora.

Então, das trevas da noite escura como o pecado, surgiu uma sombra furtiva que se dirigiu de rastros, como um pele-vermelha, até onde estavam os cavalos amarrados.

Mark Daniel, com o rosto pintado de preto para não aparecer na escuridão, começou a cortar, uma a uma, as cordas que prendiam os cavalos.

O último era um baio coberto de poeira, sobre o qual Mark montou. Sacando o revólver, disparou para o alto várias vezes, gritando ao mesmo tempo. Com isso, os animais fugiram em desabalada carreira.

Mark seguiu os animais e desapareceu na noite. Aquela barulheira acordou todo mundo e causou um tremendo alvoroço.

Slate apareceu xingando todos os palavrões que ele conhecia, enquanto seus homens corriam de um lado para o outro como baratas tontas.

Paul, ainda afivelando o cinturão, chegou junto ao chefe pondo fogo pelas ventas. Como todos os outros, sabia que ficara a pé naquele deserto traiçoeiro.

— Ninguém viu os ladrões?

— Deviam estar dormindo — bradou Slate. — Vou comer os miolos desses malditos inúteis.

— É melhor você procurar um jeito de sairmos desta enrascada — disse Paul. — Sem cavalos ficamos imobilizados.

— Vou pensar nisso mais tarde! Agora quero arrancar a cabeça dos responsáveis por esta bagunça. Em lugar de vigiar, o que diabos eles estavam fazendo?

Paul praguejou:

— Você mandou vigiar só as carroças, Carl, e não os arredores do acampamento. A pessoa que levou os cavalos deve ter vindo de fora.

— Como você pode saber, como tem certeza de que não foi uma dessas rameiras?

O outro se controlou com dificuldade.

— Usando a cabeça para outra coisa além de cabide de chapéu, Carl — replicou. — As mulheres não têm armas e alguém atirou para espantar os cavalos. Além disso, se foi uma delas, teria fugido. Vai ser fácil comprovar.

Slate deu ordens para que as moças saíssem dos carros e ficassem em fila do lado de fora. Não faltava nenhuma.

Até a bela May estava ali, com uma curiosa expressão de alegria no rosto. Paul parou na frente dela.

— Por um momento pensei que a confusão fosse armação sua, May — disse.

— Tomara que eu tivesse essa brilhante ideia. A esta hora já estaria longe.

— Mas, quando você fosse encontrada, sabe o que Slate faria com você.

— Iam me perseguir como? A pé?

O comentário não tinha resposta e Paul Longess era bastante inteligente para ignorá-lo.

Sorriu sem graça e afastou-se dela ouvindo as imprecações do chefe e as vozes irritadas dos homens. Compreendeu que eles estavam mais furiosos com os insultos de Slate do que com a perda dos cavalos. Isso o deixou preocupado.

Logo teria motivos para ficar mais preocupado ainda.

## 5

Os cavalos se espalharam depois de correr em grupo alguns quilômetros açulados por Mark.

Ele reteve sua montaria quando o último animal se perdeu na distância. Agora tinha certeza de que nenhum dos homens do grupo podia voltar a capturar os animais.

Desmontou e deu um tapa no cavalo para que ele também sumisse. Depois, a pé, voltou pelo mesmo caminho.

A rocha escarpada erguia-se, sombria, na noite. Mark dirigiu-se para lá, pois fora atrás dela que escondera seu cavalo.

Na outra encosta daquela barreira de rocha viva estava o acampamento e as

carretas que ele vigiara horas a fio. Até o momento ainda não tivera nenhuma boa ideia para libertar as moças que, a julgar pelo que dissera a garota mexicana, eles levavam nas carroças. Por esse motivo os imobilizara, para ganhar tempo e encontrar uma solução para o problema.

Passou toda a noite em seu esconderijo e, ao despontar da aurora, subiu rocha acima, para o observatório que usara na noite anterior.

De lá, podia ver muito bem o acampamento. Os homens eram figuras minúsculas vistos daquela altura, mas não perdia nenhum de seus movimentos.

Mais tarde viu as mulheres e continuou à espreita enquanto repartiam a primeira refeição do dia.

Pouco tempo depois, dois homens saíram do acampamento e começaram a caminhar pela trilha que os levaria até onde Mark estava. Sem perda de tempo, ele pulou agilmente de rocha em rocha. Levou quase trinta minutos para chegar onde deixara o cavalo. Arreou-o e começou a

perseguição aos dois andarilhos, dando uma volta enorme para se afastarem o suficiente de seus companheiros.

Sem dúvida, aqueles dois iam procurar os cavalos ou alguma ajuda.

Mark achava que eles não encontrariam tudo isso no lugar para onde iria despachá-los. O inferno não costumava auxiliar ninguém.

Chegou novamente a noite e, com ela, a incerteza. Slate não conseguia disfarçar sua raiva por sentir-se imobilizado naquele ermo, sem meios para continuar viajando com o carregamento. Seus homens começavam a dar sinais de nervosismo e excitação diante da inatividade e da presença das moças tão ao alcance da mão, uma vez que era impossível mantê-las o tempo todo dentro das carroças.

Sentando junto à fogueira, ele aceitou a caneca com café amargo, oferecida por Paul, antes de perguntar:

— Quanto tempo você acha que eles vão precisar para trazer cavalos suficientes para sairmos desta ratoeira?

Paul encolheu os ombros.

— Nem tenho certeza se eles vão encontrar. Estamos quase a 100 quilômetros de Corona City e em todo o percurso só há duas fazendas pequenas. Duvido que nelas encontrem tantos cavalos como os que precisamos.

— O que você acha, então? Não vamos ficar aqui parados até o dia do juízo final.

— Bom, vai depender dos cavalos que Jack e Diller arranjam. Se forem poucos, mas animais de tração, acho que o melhor é continuarmos a viagem com os homens que pudermos. As moças não vão oferecer dificuldades de agora em diante.

— Eu não tenho tanta certeza.

— Estão assustadas e impressionadas com o que viram. Além disso, neste território estariam mais perdidas que cego em tiroteio. E elas sabem disso. Acho que com quatro ou cinco homens, além de nós dois, podemos chegar ao fim da viagem sem problemas.

Slate concordou.

— Talvez você tenha razão. Mas temos de contar também com os filhos da mãe que levaram nossos cavalos. Talvez ataquem de novo, agora que fomos deixaram aqui sem possibilidade de escapar.

— Por que haveriam de nos atacar? Levaram os cavalos, o que foi um bom golpe para um bando de vagabundos mortos de fome.

— De qualquer maneira, quero que dobre a vigilância esta noite.

— Tá bem.

Paul se levantou. Mas, antes que pudesse se distanciar, Slate lhe falou com uma voz cortante como o fio de uma navalha:

— E não se aproxime mais da moça, Paul. Você demonstra interesse demais nela e não gosto nada disso.

— Está falando de May?

— Claro.

Longess parou. Já estava começando a ficar farto daquilo.

— Talvez queira essa garota para você mesmo, estou certo, Carl?

— Nem para mim e nem para você. Essa dona vale pelo menos 5 mil dólares e não penso em perdê-los só porque você ficou gamado por ela.

— Não estou gamado por ninguém. Nem eu nem você vamos conseguir nada com ela, porque além de nós odiar ela nos despreza.

Girou sobre o salto das botas e saiu fuzilando. Carrancudo, Slate seguiu Paul com o olhar até que desaparecesse nas sombras. Em seguida, envolveu-se nas mantas, pronto para dormir.

Quando Paul voltou para se deitar, Slate fingiu estar dormindo. Não queria continuar discutindo com ele.

Minutos depois um grito agudo os fez levantar sobressaltados.

— Que diabos foi isso? — Slate perguntou. Paul, já de arma na mão, respondeu:

— Acho que foi uma das sentinelas.

No mesmo instante um revólver disparou três vezes, enquanto todo o acampamento se punha em movimento. Os homens levantavam-se com as arma em

punho, embora não soubessem contra quem deveriam atirar.

Paul parou ao lado de um dos vigias.

— Foi você quem disparou?

— Foi. Vi uma coisa se mexendo e gritei. Só puxei o gatilho quando a sombra ou sei lá o que se mandou.

— Que aconteceu, Paul? — indagou Slate.

— Parece que Jim viu alguma coisa se mexendo.

— O quê? Um coelho? — o chefe perguntou com sarcasmo.

— Logo a gente sabe.

Dito isso, Paul avançou na escuridão com os olhos atentos, querendo penetrar nas trevas que o envolviam. De repente tropeçou em alguma coisa grande

42 e por pouco não caiu de bruços. Inclinando-se, apalpou o vulto e um calafrio percorreu-lhe a espinha.

— Aqui, Carl! Traga as lamparinas!

Slate chegou correndo, escoltado por seus capangas. Acendeu uma lamparina e todos se inclinaram para a frente. O corpo

que estava estendido no chão estava tão frio e duro que dava arrepios.

Paul girou-o com o pé. Os olhos de Jack, esbugalhados pela morte, pareciam olhá-los de uma distância infinita.

Na testa, um sinistro terceiro olho aumentava a expressão atroz de um rosto que por si era horrendo.

A lamparina se apagou e Slate quase queimou os dedos.

Acenderam uma segunda e todo mundo continuou olhando aquela cena.

— Quem o matou deve ser muito rápido no gatilho, Jack era endiabrado com um revólver.

— Se acabaram com Jack, com certeza fizeram a mesma coisa com Diller — disse Slate, incrédulo.

Começaram a procurar ao redor e o encontraram não muito distante dali.

Igual ao seu companheiro de caminhada, Diller tinha um orifício na testa e fazia horas que estava morto.

— Agora é que começo a me preocupar de verdade — disse Paul. — Não há

nenhuma dúvida de que alguém está disposto a nos manter aqui por algum motivo.

— Isso não tem sentido. — Slate estava tão furioso quanto intrigado. — Se já levaram os cavalos, que diabos vão querer agora?

— Talvez as moças.

— O quê?

— O carregamento, Carl. Não temos outra coisa.

— As mulheres?

— A não ser que esses fulanos sejam idiotas e pensem que estamos levando ouro nas carroças, não há mais nada de valor aqui, a não ser as moças.

— Acho que você tem razão. Alguém de Corona City decidiu fazer o negócio por sua conta. Você não desconfia de ninguém, Longess?

— Talvez o forasteiro.

— O tipo que pegou Andy e os outros?

— Até agora não sabemos por que ele matou os caras. Quem sabe isso já fazia parte de um plano?

Slate refletiu sobre aquela possibilidade. Na falta de outra explicação, achou melhor aceitá-la por enquanto.

— Está bem, Longess, se você tiver razão eles devem estar nos vigiando. E só podem fazer isso do alto daquele penhasco. Quando o sol surgir, vamos dar uma batida lá e, se não houver ninguém, vamos colocar gente nossa em lugares estratégicos.

— Tudo bem, mas isso não resolve o problema dos cavalos. Quem vai agora?

— Peça voluntários.

— Depois que viram o que aconteceu com estes caras aqui?

Slate conteve um palavrão.

— Ofereça uma recompensa. Quinhentos dólares para quem encontrar os cavalos e os animais das carroças.

— Podemos tentar.

Tentaram e a resposta foi o mais absoluto silêncio à proposta tão generosa.

— Então ninguém quer ir voluntariamente — bufou Slate fora de si.

— Bando de ratos, covardes do capeta!.Será que têm medo da escuridão?

Não houve resposta alguma. Paul o interrompeu.

— Escolha-os, Carl, não precisa se esgoelar. Eles têm um compromisso com você e, se não o honrarem, morrem.

Slate rangia os dentes, espumando de raiva. Finalmente achou que seu braço direito tinha razão e disse:

— George, venha cá.

O escolhido era um indivíduo de pernas tortas, ombros largos e cara de macaco. Avançou alguns passos com muita má vontade e parou.

Slate apontou para outro bandido.

— John, você vai acompanhar George.

O segundo escolhido também não parecia muito feliz. Resmungou um pouco antes de se mexer.

Longess apoiou a mão na coronha de seu .45. E desafiou:

— Algum dos dois tem alguma objeção?

Sua voz calma foi tão letal quanto o sorriso da morte.

Os dois negaram, sacudindo a cabeça. Slate ordenou então:

— Vão sair agora mesmo. Tratem de encontrar cavalos ou mulas seja onde for e ao preço que for. Entenderam?

Os dois concordaram. John quis saber:

— Quanto dinheiro nós vamos levar?

— Dinheiro? Diabos, o dinheiro que dei a esses imprestáveis!

Slate atirou-se sobre os dois cadáveres e revistou-lhes os bolsos. Não encontrou um centavo sequer.

— Limparam eles... mais de mil dólares... — disse quase gemendo.

Paul replicou:

— Era de se esperar. Você tem dinheiro para dar?

— Muito pouco. Nem chega a mil dólares.

— Se os dois souberem negociar, podem comprar um bom número de animais com este dinheiro.

Com evidente desprazer, Slate separou-se de todo seu capital.

— Se falharem desta vez eu volto, nem que seja a pé, para Corona City para

conseguir mais dinheiro e cavalos. Fora daqui vocês dois!

Os "escolhidos" saíram quase correndo, fundindo-se com as sombras da noite.

Os homens restantes recolheram os cadáveres e Slate ficou só na companhia de Paul, que comentou, enquanto enrolava um cigarro:

— Tenho um pressentimento de que esses dois não vão conseguir nada.

— Você e seus malditos pressentimentos!

— Alguma coisa muito estranha está acontecendo, Carl. Quero dizer, pelo modo que nos vigiam.

— Não entendo o que você está dizendo. Paul acendeu o cigarro na lamparina que o chefe segurava. Depois disse:

— Devem formar um grupo organizado. Mas, se é assim, por que não nos atacam e acabam conosco de uma vez?

— Acho que eles não querem arriscar a pele.

— Se o que desejam é o nosso carregamento, devem saber que só vão consegui-lo se acabarem conosco.

— Aonde você quer chegar, Paul?

— À única conclusão lógica. Eles são poucos, talvez dois ou três, por isso não se atrevem a nos atacar. Esperam nos dividir para que fiquemos em número cada vez menor. Assim fica fácil nos eliminar e pegar as mulheres.

Slate rangeu os dentes, diante da última frase de Paul Longess. Se fossem apenas dois ou três homens que os emboscavam...

Os pensamentos de Slate foram interrompidos por um grito vindo não se sabe de onde. Uma voz poderosa e alarmada. Os dois se puseram a correr para as carroças. Um dos vigias estava agarrado a uma mulher e a sacudia vigorosamente.

Paul rugiu:

— Largue a moça, senão te mato!

O homem a soltou como se o queimasse, mas voltando-se replicou:

— Eu só queria que ela dissesse onde está a que sumiu.

— Quer dizer que uma mulher escapou?  
— rugiu Slate.

— Sim, patrão.

— Qual?

— A moça chamada May. Virou fumaça.

— A desgraçada de novo!

Longess encarou a moça, calada, que esfregava o braço.

— Quando ela fugiu? Você sabe? — perguntou encarando-a ameaçador.

— Faz pouco tempo. Quando começou toda essa confusão.

— Não deve ter ido muito longe. Randy, Kovak! Os dois homens se aproximaram. Paul disse então:

— Vocês dois vão me acompanhar. A moça deve ter deixado uma pista.

— Está muito escuro para ver alguma coisa, Longess.

— Eu sei. Mas vamos levar umas tochas até encontrá-la. Assim que descobirmos em que direção ela foi, será mais fácil.

Os dois homens foram até as fogueiras para preparar as tochas. Carl Slate sacudiu a cabeça, tão furioso quanto perplexo.

— Maldita seja! Vou esfolar essa mulher! — rugiu entre os dentes. — Desta vez ela vai se arrepender de ter tentado outra fuga.

— E vai perder 5 ou 6 mil dólares.

— O dinheiro pouco importa agora. Vá buscar a mulher.

Paul o deixou só.

Slate era pura cólera quando seus homens partiram naquela brutal expedição de caça.

Desejou sorrir todas aquelas mulheres que estavam lhe criando tantas dificuldades nesta viagem.

Porque, afinal de contas, para ele, era apenas uma viagem de negócios e as mulheres mercadoria como outra qualquer.

May sabia muito bem que Slate a procuraria sem trégua. Sua única esperança era achar o quanto antes um esconderijo em vez de procurar aumentar a distância entre ela e seus perseguidores. Na planície árida, ele a descobriria assim que o sol nascesse.

Por esse motivo dirigira-se para aquele penhasco impressionante.

Não sabia que havia causado a maior confusão no acampamento. Nem perdera tempo pensando nessa possibilidade. Viu sua chance e fugiu, confiando que desta vez a sorte estaria do seu lado.

A colossal massa rochosa erguia-se a sua frente como uma muralha inexpugnável. Isso, porém, não a intimidou. Estava tão desesperada que nada neste mundo poderia impressioná-la.

Logo no início da escalada, May rasgou o vestido, esfolou as mãos e joelhos, mas continuou, sempre empurrada pelo desespero.

Não sabia quanto conseguira subir. Achava que devia ter alcançado uma boa distância, tamanho era seu cansaço. Mas não se julgava a salvo.

De repente, como tenazes, duas mãos a agarraram no escuro. Uma tapou sua boca. A outra agarrou-a pela cintura e ergueu-a do chão, apertando-a contra um corpo rijo.

E sentiu um hálito quente contra seu pescoço.

Então uma voz sussurrou:

— Quietinha, dona, não grite!

Pensou que fosse desmaiar. Era a segunda vez que tentava fugir e era a segunda vez que fracassava.

A voz cochichou ao seu ouvido:

— Não quero lhe fazer mal, acredite. Mas, se você gritar, aqueles bandidos lá embaixo vão ouvir e nos encontrar... e isso não está nos meus planos.

Procurou ver o rosto do homem que a segurava, mas naquela escuridão ele não passava de uma mancha indistinta.

A mão que fechava sua boca relaxou um pouco a pressão.

Ele ainda avisou:

— Lembre-se, nem um grito. Posso torcer seu pescoço.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

Ele tirou a mão da boca da moça.

A outra, entretanto, continuava agarrada a sua cintura. Era uma mão forte,

máscula, que parecia queimar sua pele com o calor que passava pelo tecido.

— Quer me soltar? Você não é capanga de Slate?

— Pode crer que não. Você fugiu do acampamento?

— Sim.

— Bom, então agora vou ficar sabendo em que tipo de encrenca eu me meti.

— Quer me soltar de uma vez?

— Não é nada ruim segurar você, moça, pode crer.

— Não preciso de ninguém me amparando! Tenho pernas boas demais para ficar em pé sem a ajuda de ninguém.

— Isso eu gostaria de ver.

— O quê?

— Se suas pernas são como você disse.

— Droga, quer tirar as mãos de cima de mim?

— Não grite, meu anjo! Soltou-a de má vontade.

Ela se afastou um passo e olhou à volta. Estava muito escuro.

— Este lugar é seguro? — quis saber.

— Era até você aparecer. Pode-se dizer que há dias eu moro aqui.

— Foi você quem levou os cavalos? —  
Sim.

— O que você aprontou esta noite? Lá embaixo parece, que todo mundo enlouqueceu.

— Vamos dizer que eu lhes devolvi seus companheiros andarilhos. Isso me faz lembrar que não posso ficar muito tempo com você.

— Vai me deixar sozinha?

— Apenas por um tempo. Escute, há uma espécie de fenda bem perto daqui. É um ótimo esconderijo. Fique lá até minha volta, sem sair, sem falar, porque quando descobrirem que você fugiu eles vão sair a sua procura com toda certeza. Entendido?

— Sim.

— Quando eu voltar você me conta toda essa história. Como é seu nome, anjo?

— May...

— Vou continuar chamando-a de anjo, mesmo sem ver seu rosto nesta escuridão. Meu nome é Mark Daniel.

— Diga uma coisa. Por que você está fazendo tudo isso?

— Porque encontrei uma moça amarrada a uma árvore.

— Juanita!

— Sim, ela era mexicana.

— Você a salvou?

— Tive de enterrá-la. Mas ela falou no nome de Slate e mais alguma coisa. Resolvi me meter nesta confusão por causa dela.

— Coitadinha. Ela e eu tentamos fugir dele em Corona City, mas ele nos apanhou de novo.

— Você? Aposto que já nos conhecemos, anjo!

— Como?

— Naquela trombada. Mas vamos deixar toda essa história para quando eu voltar. Venha, e não faça barulho quando eu for embora.

Logo depois a moça se encontrava numa gruta profunda e estreita. Outra vez sentiu as mãos dele em seu corpo quando ajudou-a a achar a entrada naquela escuridão. Como despedida, Mark sussurrou:

— Procure dormir. Aqui você está segura.

A voz se calou e, com ela, apagou-se também a presença do homem.

May suspirou, tranquilizada. Procurou uma posição cômoda sobre o duro chão de rocha, pensando que enfim estava salva.

Sem se dar conta, fechou os olhos e adormeceu.

## 6

John limpou a testa com um lenço. A seu lado, George parou e foi dizendo, amedrontado:

— Só vou respirar tranquilo quando o dia amanhecer.

— Você tem certeza de que temos de ir por este caminho?

— Não há outro.

— Andei pensando em tudo o que aconteceu...

— Pensando no quê?

— Nesse comboio de mulheres... em Slate, em tudo isso, George. Nós desafiamos o perigo por uma miséria à toa.

— Tem razão. Em Corona City ninguém disse que a gente ia entrar numa fria dessas. Ele nos contratou para escoltar as carroças que iam levar as donas e vigiar pra não deixar nenhuma fugir. Mas você viu o que está acontecendo...

— Também pensei em outra coisa.

— Pode falar.

— Estamos com quase 1 mil dólares. É dinheiro pra levar a gente pra muito longe daqui. Até Slate entender que nós dois demos no pé...

A proposta pareceu ficar ressoando na calada da noite.

Por fim, George admitiu:

— Eu acho que você teve uma boa ideia. Vamos arrumar um cavalo para cada um. Conheço um lugar no México onde, por poucos centavos, a gente arruma desde uma garrafa de tequila até uma mulher muito boa.

Chegando a um acordo, os dois começaram a andar de novo, cuidando para não errarem o caminho.

Quando faltava pouco para o amanhecer e os dois já estavam morrendo de dor nos pés, John e George pararam, petrificados ao ouvir uma voz a suas costas. A voz ordenou:

— Levantem as mãos, compadres!

O ruído de um gatilho ao ser armado acompanhou a voz.

John bufou de raiva, mas obedeceu.

George ia iniciar o movimento ordenado, quando de repente se virou empunhando seu .45, que engatilhou com a mesma rapidez que uma cascavel arma o bote.

Mas antes que pudesse puxar o gatilho ouviu-se o estampido de um outro Colt. George gemeu, foi se inclinando lentamente, e caiu de bruços.

John estremeceu, mas continuou quieto.

Atrás dele, Mark rugiu:

— Seu companheiro tinha fibra de herói, pena que ninguém vai erguer um monumento para ele. E você, não quer tentar a sorte?

— Contra um cara que está com um revólver na mão? Ainda não estou louco.

— Aqui não há ninguém com um revólver na mão. John arriscou uma olhadela pelo canto do olho. Viu uma silhueta escura a uma curta distância. Os dois braços dessa silhueta estavam caídos ao longo do corpo, e as mãos pareciam vazias. Virou-se devagar, incrédulo.

— Que diacho você está tramando? — gaguejou.

— Nada. Você não está vendo?

— Há alguma trapaça aqui.

— Só faço trapaça.no pôquer.

— Então prove e me deixe baixar os braços.

— Ninguém está impedindo, mas o que você está pensando é suicídio.

John baixou os braços e começou a esfregar as mãos. Disse como se fosse coisa muito importante:

— A gente nunca se viu.

— Certo. Quanto dinheiro vocês estavam levando desta vez?

O bandido suspirou. Queria ganhar tempo.

— Pouco menos de mil dólares — disse.

— E onde estão?

— Aqui.

Com toda naturalidade levou a mão ao bolso, mas em vez de colocá-la nele desviou com rapidez e sacou o revólver.

Foi atingido no exato momento em que havia conseguido engatilhá-lo.

Seus joelhos se dobraram e, com um olhar de espanto, caiu de joelhos. Depois se inclinou para frente enterrando o rosto no chão. Estava morrendo.

Mark sacudiu a cabeça e resmungou:

— Você teve uma oportunidade de viver, idiota.

Nunca soube se o outro ouviu ou não. John agitou-se por um instante e seu corpo ficou rígido como uma tábua. Relaxou e ficou frouxo, como se de repente ficasse menor.

Mark revistou-o e apanhou o maço de notas.

— Se isso continuar assim, vou acabar ficando rico.

Foi procurar seu cavalo para carregar as duas vítimas.

Slate ia ter mais dores de cabeça.

## 7

May falou com voz contida:

— Eles estavam nos levando para El Paso.

— Uma viagem desgraçada nessa terra selvagem e sem água. Deve ser um bom negócio explorar um bando de mulheres.

— Não é bem assim.

— Então o que é? Um festival?

Estavam no fundo da gruta, muito juntos porque o espaço diminuía muito ali.

— Slate já fez outra viagem faz algum tempo — continuou a moça. — El Paso é um campo de mineração. Os garimpeiros encontraram muita prata e agora quase todos enriqueceram, mas não têm mulheres.

— E então, o tal Slate...

— Ele as vende para os mineiros. Levou vinte e cinco da primeira vez e agora éramos quase trinta. São todas moças sem família. Algumas ele tirou do saloon, foram enganadas pelos homens de Slate com promessas de trabalho decente e bem pago. Foi assim que me apanharam.

— Mas você tentou escapar. Corria como o diabo quando me atropelou.

— Eu estava meio louca. Bem, mas o caso é que não se trata de prostituir as moças. Slate organiza uma espécie de leilão, entende? Quanto mais jovem e bonita for a moça, mais dinheiro ele consegue por elas.

— Quero morrer enforcado, se não pegar esse cara!

— Aqueles homens passaram anos sem ver uma mulher e se tornaram embrutecidos pela bebida e pelo trabalho duro e clima implacável. E todo tipo de degenerados e foragidos da lei se esconde ali... Para Slate são apenas clientes. Compram as garotas num leilão e depois uma espécie de pastor organiza um casamento coletivo.

— Este tal Slate está pedindo, urgente, um caixão de pinho.

Mark tentou mudar de posição e ficou muito perto da moça. Sua pele sentiu o calor, e ele aspirou o suave odor de mulher que ela emanava.

May exclamou:

— Você está me apertando!

— Não há muito espaço aqui dentro. Talvez seja bom lembrar que, antes de você aparecer, eu estava aqui sozinho e muito mais confortável que agora, embora não tão gostoso.

— Será que você não pode pôr as mãos em outro lugar?

— Não posso cortá-las, anjo.

— Não estou pedindo isso, basta que as tire daí.

— Você não tem coração.

— É isso que você está procurando com tanta curiosidade?

Mark se afastou, suspirando resignado.

— Não posso me queixar — resmungou.

— Afinal, existem outros tipos de tortura.

— Do que você está falando?

— Esquece. Quantos homens estão no acampamento?

— Não sei. Quinze ou vinte, eu acho. Você não vai poder lutar com eles, Mark.

— Você acha que fiquei louco? Não penso em lutar com um exército, embora até este momento ele já tenha sofrido algumas baixas...

— Então, o que você quer fazer?

— Fazer baixar o moral do inimigo, se sabe o que quero dizer.

— Tudo o que sei é que você está chegando perto demais — reclamou a moça.

— Só estou procurando ficar numa posição mais cômoda, apenas isso.

— Se continuar procurando dessa maneira, vai acabar se deitando em cima de mim.

— Isso seria fantástico! Escute, moça, chegue um pouco mais para a direita. Por incrível que pareça, estou morto de sono. Faz duas noites que não prego o olho.

— Você quer mesmo dormir?

— Sé você tiver um programa melhor, não. Ela sorriu e, retorcendo-se, conseguiu se acomodar.

— Está bem, Mark, pode deitar a cabeça no meu colo. Eu disse a cabeça, não as mãos! E no colo, que fica um pouco mais embaixo. Não sei como te suporte...

— Quem sabe eu sou seu tipo, meu anjo.

May bufou, mostrando que estava furiosa.

Assim que ele fechou os olhos, com a cabeça apoiada bem acima de onde ficava o colo de May, a expressão de desagrado desapareceu do rosto da moça. Sorriu, olhando o rosto adormecido, e deixou sua imaginação voar por caminhos que ele provavelmente gostaria de conhecer.

E no acampamento, naquele mesmo instante, Slate estava dizendo:

— Não me venha com histórias, Longess. Uma mulher não desaparece no ar.

— Achamos rastros dela, mas depois o terreno vira rocha pura e os perdemos. Acho que ela se refugiou no penhasco.

— Desgraçada! Então, por que você não foi atrás?

— Levando só dois homens comigo? Garanto que os caras que nos atacaram estão escondidos naquele labirinto de pedra.

— Está bem. Deixe só dois homens em cada carroça e leve os outros. Mas não volte sem essa dona.

Paul fez um sinal indicando o sol que ardia no céu.

— Com esta luz é o mesmo que se suicidar. Eles podem nos caçar como quem faz tiro ao alvo num mafuá.

— E no escuro? Vai poder enxergar alguma coisa?

— Quase nada, mas eles também não vão nos ver enquanto não chegarmos bem perto e serão obrigados a lutar quase corpo a corpo.

— Vamos perder mais um dia.

— É preferível. Melhor que perder o couro, Carl. Slate rangia os dentes, cada vez mais possesso.

— Nunca pensei que você tivesse medo, Longess — provocou.

— Só os loucos não têm medo, porque não pensam.

Slate precisou fazer um esforço tremendo para se controlar. Sem replicar, deu meia volta e procurou a sombra de uma carroça.

E, assim, mais um dia abrasador e interminável se passou.

## 8

Um dos homens que montava guarda deu um grito e Paul correu para acudi-lo.

— O que aconteceu?

— Não sei. Ouvi um barulho ali adiante.

— Aonde?

Slate chegou trazendo um rifle e soltando chispas de ódio. Paul falou:

— Ele ouviu um ruído por aqui.

— Se isso continuar assim, vamos acabar vendo fantasmas — replicou Slate.

— Ouve-se muito barulho durante a noite. De animais, do vento, da imaginação, do medo. O que você acha que foi agora? Medo?

A sentinela teve ganas de dar um tiro no patrão. Mas disse apenas:

— Achei que tinha de dar o alarme, mais nada.

— Procure pensar que tipo de barulho você ouviu. Pode ter sido de algum animal?

— Paul perguntou.

— Talvez... mas deve ter sido um animal enorme.

Slate explodiu.

— Não seria um elefante, seu imbecil?

O bandido encolheu os ombros. Já estava arrependido de ter dado o alarme.

Slate voltou para junto da fogueira, onde os homens terminavam de jantar. Ficou preocupado ao notar que nenhum deles correria ao ouvir o grito. Aquele era um mau sinal.

Paul ficou algum tempo em silêncio junto ao vigia, escutando os sons que vinham da noite escura. Mas não conseguiu ouvir nada de anormal.

Quando, afinal, se juntou aos demais, estava mais preocupado do que nunca. Viu as mulheres, reunidas perto das carroças, terminando de comer sua refeição, silenciosas e tensas sob o olhar de três homens que as vigiavam.

Slate provocou-o:

— Quando você vai sair, Longess? Ao amanhecer?

— Sarcasmo não leva a lugar algum, Carl. Já estou começando a ficar cansado. Se você acha que não sirvo para este trabalho, é só dizer e fim de papo.

Slate fez um movimento brusco. Até aquele momento, Paul jamais se atrevera a falar daquela maneira.

Não replicou, mas passou um olhar inquieto por cima de seus homens, que começavam a se levantar, indecisos, silenciosos e sombrios.

Outra vez o silêncio foi interrompido pela mesma sentinela.

Só que desta vez se tratava de algo mais do que um simples ruído.

Quando chegaram perto, o homem limitou-se a fazer sinais, com um ar de triunfo, para uma coisa vermelha que brilhava a distância.

— Eu disse que tinha ouvido alguma coisa! — exclamou. — Agora vocês vão ver que eu não estava imaginando coisas.

O brilho aumentou até transformar-se em uma fogueira, a cerca de 500 metros do posto de observação.

Slate rosnou:

— Isso é uma armadilha. Acho que estão esperando a gente correr para ver o que é aquilo e...

Calou-se.

Paul provocou-o:

— Para quê, Carl?

— Diabos me levem se eu sei! Talvez para atacarem o acampamento com nossas forças divididas.

— Se você acha que é isso, então é melhor não sairmos daqui. Mas você é quem decide.

Slate fulminou-o com um olhar. A seu redor, os homens carrancudos esperavam suas ordens.

Afinal, apontou para o fogo distante e grunhiu:

— Leve dois homens e investigue. Vamos ficar aqui esperando e preparados, se você precisar de ajuda.

— Está bem.

Ficaram olhando Paul e os dois homens se afastarem, com suas silhuetas

recortadas contra o fogo, que começava a diminuir.

Eles sabiam muito bem o risco que estavam correndo. Se fosse mesmo uma armadilha, nada poderia salvá-los. Seriam um alvo perfeito para os atiradores, se é que havia algum por ali.

Quando chegaram perto da fogueira, constataram que não era uma emboscada. Já estavam respirando aliviados quando viram os corpos.

Os cadáveres de John e George.

Paul não conseguiu evitar o calafrio que percorreu sua espinha.

A seu lado, os dois capangas estavam mudos de perplexidade e pânico, porque agora já não tinham mais dúvidas de que estavam cercados e que se alguém tentasse sair do acampamento seria liquidado sem compaixão.

— Vá chamar Slate, Randy — ordenou Paul. Slate chegou pouco depois, rodeado por um grupo de homens. E Paul foi logo dizendo:

— Minha intuição estava certa. Não conseguiram ir a parte alguma.

— Maldição! E agora?

— Nem me pergunte.

— Não vamos ficar aqui esperando que eles nos liquidem como se estivessem caçando patos.

— Se não fosse pelas mulheres, poderíamos sair todos juntos. Eles não poderiam vencer tantos homens.

— E o que vamos fazer com as mulheres? Paul encolheu os ombros.

— Quem tem de resolver isso é você, Carl,

— Se acha que eu vou deixar elas livres, você ficou louco.

— Foi só uma ideia. É você quem manda, Carl.

— Pode ter certeza.

Sem mais uma palavra, Paul se afastou, voltando para o acampamento.

Os homens foram atrás dele, um a um, de cabeça baixa e cenho carregado.

Os últimos levaram os cadáveres dos companheiros, acompanhados por Slate, que fervia de ódio.

Desta vez nenhuma das mulheres teve oportunidade de fugir porque desde o princípio dos acontecimentos daquela noite os vigias estavam de olho nelas.

Depois de servir-se de um resto de café que havia no bule e começar a enrolar um cigarro, Paul deu de cara com Slate.

— Limparam os bolsos deles — disse.

— Nem me dei ao trabalho de procurar. Tinha certeza de que o dinheiro tinha desaparecido...

Interrompendo a frase de Paul, um dos homens gritou:

— Vou me mandar daqui! Slate deu um salto.

— O quê?

— Vou me mandar antes que me despachem também. Este lugar é uma ratoeira.

— Repete isso e eu arranco se s miolos. Slate estava enlouquecido. Sacou o Colt e o

engatilhou. De seus olhos saltavam chispas de ódio quando perguntou:

— Alguém mais pensa como ele?

— Espere um pouco, Carl — interveio Paul, preocupado.

— Esperar pelo quê? Você também está pensando em fugir como um rato?

Ignorando o comentário de Slate, Paul disse ao homem que havia gritado:

— Onde você está com a cabeça, Jeff? Você já viu o que aconteceu com os caras que saíram do acampamento. Eles acabaram mortos que nem coelhos. Você acha que vai poder ir muito longe?

Jeff ficou mudo. Era um sujeito alto, magro e muito rápido no gatilho; um matador sem escrúpulos.

Depois de alguns minutos ele replicou:

— Não só acredito como tenho certeza. Até agora eles só pegaram os caras que foram para Corona City. O negócio, então, é se mandar no sentido contrário. Esses caras não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo, eu garanto. É preciso um

exército para cobrir todo esse mundo de terra.

Slate pôs o dedo no gatilho e urrou:

— Vocês só vão sair daqui quando eu mandar!

— E quando vai mandar? Quando eles acabarem conosco? — retrucou Jeff.

Antes que Paul pudesse evitar, Slate apertou o gatilho.

A arma disparou e a bala atingiu o meio da testa de Jeff.

Ouviu-se o ruído de ossos sendo triturados e segundos depois metade de seu crânio voou pelos ares, espirrando sangue e miolos para todos os lados. Quase decapitado, o corpo fez uma volta e caiu aos pés dos companheiros.

— Alguém mais quer ir embora? — vociferou Slate.

Ninguém respondeu, mas agora todos aqueles homens já não o consideravam mais o líder. Havia ódio e ressentimento nos olhos deles. Quase se podia sentir o desejo de vingança crescendo no peito deles.

Paul cerrou os dentes, furioso.

— Você não devia ter feito isso, Carl — resmungou.

— Você acha mesmo? Pois fique sabendo que vou fazer a mesma coisa com qualquer outro traidor que queira me abandonar.

Em vez de responder, Paul aproximou-se do morto e fez um sinal para que os homens levassem o cadáver para ser enterrado com os outros dois companheiros.

Aos empurrões, obrigaram as mulheres a voltar para as carroças. Para vigiá-las, foram colocados dois homens.

Acocorado ao lado do fogo, Paul acendeu o cigarro que tinha guardado no bolso quando Slate chegara e ficou remoendo as palavras de Jeff. Agora já não lhe pareciam tão loucas.

Meia hora depois se levantou. Todo o acampamento estava, em silêncio, apesar de ninguém estar dormindo.

Encontrou o chefe sentado no chão, perto de uma das carroças, silencioso e com cara de poucos amigos.

— Vou ao penhasco. Quantos homens posso levar?— perguntou.

— Quantos quiser.

— Para um trabalho como esse, acho que três ou quatro são mais que suficiente.

— Se não quer se arriscar, não vá — disse Slate entre os dentes.

— Não me importo de morrer. Vou levar somente três homens.

— Está bem. Mas escolha os que forem mais fortes.

Paul assentiu e deu um grito:

— Randy!

O escolhido se aproximou sem o menor entusiasmo.

— Kovak!

Mais um apareceu da escuridão a passos lerdos.

— Harry!

Desta vez ninguém respondeu.

— Harry! — repetiu Paul, impaciente. Ninguém respondeu à chamada.

— Diabos! Procurem o homem e tragam ele aqui. Passados alguns minutos chegou a notícia:

— Harry desapareceu.

— Desapareceu como?

— O Harry e mais dois. Não estão em nenhum lugar.

Slate praguejou, enfurecido como um demônio.

— Fugiram! Esses ratos covardes escaparam de mim! Ninguém viu os três saindo, nem as sentinelas?

— Os outros dois homens que estão faltando são os que estavam vigiando atrás das carroças.

Todos compreenderam o que aconteceu. Slate também, e o ódio o empurrava a cometer qualquer tipo de selvageria para ser aplacado. Pressentindo isso, Paul falou:

— Carl, você podia cobrir esse posto com o Stanley. Eu vou levar Hubert.

O homem aludido se adiantou, e sem muita convicção disse:

— Vamos tirar esses bastardos do penhasco, se é que estão lá.

Hubert, Randy e Kovak o acompanharam com evidente má vontade, deixando atrás de si um acampamento

silencioso em que a tensão e a desconfiança dominavam, acima de quaisquer outros sentimentos.

Slate voltou ao seu lugar preferido, perto das carroças, mas agora não confiava mais nem em sua sombra. Assim, colocou-se numa posição em que não pudesse ser surpreendido pelas costas.

Ouvia a conversa das mulheres dentro das carroças. Elas significavam uma fortuna para ele, mesmo com a falta de May. Uma fortuna que já poderia ter embolsado se aquela viagem não tivesse sido interrompida.

Agoniado com tais pensamentos, cerrou os dentes com fúria. Em um instante, mil ideias assassinas passaram por seu cérebro alucinado.

Só que nenhuma delas poderia ser posta em prática sem que arriscasse a própria pele. Ao mesmo tempo, essas ideias não serviam para tirá-lo do atoleiro em que estava metido.

E talvez algumas das mulheres conseguissem fugir. Esse era o pensamento

que mais o enlouquecia, perder a "mercadoria" e o dinheiro que gastara para reuni-la.

Naquele momento, Slate não era o que se podia chamar de um homem feliz.

## 9

— Cuidado agora — murmurou Paul. — Vamos precisar subir sem fazer barulho. Entendido?

Os homens consentiram em silêncio. Ao olhar para cima só distinguiam a cinzenta massa de rocha que se erguia impávida até perder-se nas alturas.

Dava a impressão de ser uma parede lisa, pela qual nem um lagarto conseguiria subir.

Apesar disso, Paul começou a escalada de rocha em rocha, aproveitando qualquer saliência, qualquer reentrância onde pudesse se agarrar.

Os outros o seguiram sem nenhum entusiasmo.

Uma pedra se soltou e o barulho dela rolando soou como tiros de canhão no silêncio.

Ficaram quietos por alguns instantes, escutando a pedra rolar, até que parou ao pé do penhasco.

Arquejantes, reiniciaram a subida tensos, um medo crescente a lhes tomar, pouco a pouco, conta dos sentidos.

Quando se deteve para respirar e esperar os outros, Paul falou em voz baixa:

— Até agora tudo vai bem. Se estiverem aqui e pudermos surpreendê-los, teremos uma boa oportunidade de acabar com toda essa palhaçada.

Hubert resmungou:

— Se estiverem lá em cima, a oportunidade é deles e não nossa.

— Bobagem. Eles não são super-homens, Hubert.

— Mas estão bem emboscados e tiveram tempo de escolher os melhores postos. É quase certo que eles devem ter muitos guardas de vigia.

— Hubert, se tem tanto medo assim, o melhor é você voltar para o acampamento.

— Para que Slate me dê um tiro? Não, obrigado. Vou continuar com vocês.

—Eu tinha certeza de que você ia dizer isso. Tente, então, fazer o mínimo de barulho que puder.

Continuaram a subir com mais cuidado do que antes.

Mas, apesar de todos os cuidados, o pé de Randy tocou numa pedra que foi aos trambolhões penhasco abaixo.

Ficaram paralisados de medo e com todos os sentidos alerta.

Só o que ouviram foi o ricocheteio da pedra quando chegou ao fundo.

Mark Daniel também ouviu. Aquele som o interrompeu em péssima hora, porque depois de uma grande discussão havia conseguido convencer May de que merecia um pagamento por sua ajuda e estava recebendo o prêmio quando escutou o barulho da pedra que caiu.

O prêmio consistia nada mais, nada menos, do que um beijo da boca deliciosa da moça.

Separar-se dela foi quase tão doloroso quanto arrancar um dente, coisa que não contribuiu para deixá-lo exatamente de bom humor.

May cochichou:

— O que foi isso?

— Fique calma.

— Ficar calma, como? Parece que você tem sete mãos e todas elas estão ocupadas.

— Gostou do beijo, anjo?

— Você quase me sufocou.

— Pois aproveite para respirar até eu voltar.

— Aonde você vai?

— Dar uma olhada lá fora. Não faça barulho.

Como conhecia bem o terreno em que estava pisando, foi fácil para Mark chegar até a estreita boca da caverna. Na frente da entrada, havia uma rocha enorme que se fixava de maneira precária sobre uma pequena base plana.

Estendido no chão, Mark escutou com todos os sentidos em alerta. Sorriu ao ouvir o som de botas de couro contra as pedras.

Levantou-se. Havia previsto que chegaria o momento em que os bandidos resolveriam atacar o penhasco e sabia que só poderiam subir por aquele lado da encosta. Teve bastante tempo para planejar a sua defesa.

Foi até a pedra, retirou a cunha que colocara para impedir que rolasse, apoiou o ombro contra ela e a empurrou com força.

Os músculos de seu corpo se retesaram pelo esforço, mas a rocha oscilou apenas alguns centímetros.

Ele redobrou o esforço, sentindo a musculatura atingir o limite máximo de tensão. Soltou um gemido surdo quando, por fim, a pedra se moveu, despencando encosta abaixo.

Além do estrondo, sua queda provocou uma verdadeira avalanche.

Deitado no chão, enquanto recobrava o fôlego, Mark escutou o estrondo provocado pela queda da enorme rocha, acompanhado por gritos lancinantes e o som que veio da pedra ao estatelar-se no solo.

Houve um momento de silêncio absoluto. Então, ele ouviu o ruído de homens que desciam pelo penhasco, sem nenhum cuidado. Não pôde calcular quantos eram, mas estava certo de que pensariam duas vezes antes de tentar outra escalada.

Voltou então à gruta e aos braços de May.

Paul chegou ao chão seguido de Kovak e Randy. Estava impressionado por ainda estar vivo. Sem fôlego, cobertos de pó, arranhados e rasgados, viram o local onde a rocha e o monte de pedras menores haviam caído!

Logo à frente delas, avistaram algo que embrulhou o estômago deles.

Era o que restava do corpo de Hubert. Estava estraçalhado de tal maneira que nenhum deles se atreveu a tocar.

De repente, Paul sentiu a ponta de um cano de revólver em suas costas e ficou rígido. A voz de Kovak advertiu-o:

— Não se mexa ou eu atiro. Não quero matá-lo, mas se resistir leva chumbo.

— Você pretende fugir, como os outros?

— Pode crer. Aposto que o Randy vai comigo. Não é isso mesmo, Randy?

— É claro. Ficar aqui é suicídio.

Paul percebeu que lhe tiravam o revólver do coldre. Depois disso, Randy se colocou a

sua frente, olhando-o por cima do cano do Colt engatilhado.

Mal podiam ver os rostos uns dos outros na escuridão.

— Se você desafivelar a cartucheira e a entregar, deixo sua arma no chão. Você vai encontrar outras no acampamento. É só uma precaução para que você não atire na gente.

— De acordo, Randy. Acho que se eu estivesse em seu lugar, faria a mesma coisa.

— Não temos nada contra você, você sabe. Mas se Slate tentar nos perseguir, acabamos com ele.

Desafivelando a cartucheira, Paul deixou que ela caísse no chão. Kovak agarrou-a e os dois homens sumiram na escuridão.

Então ele se abaixou e tateou até encontrar seu Colt descarregado. Colocou-o no cinto da calça e começou a andar, cabisbaixo, para o acampamento.

## 10

Lívido de cólera, Slate resmungou:

— Então eles também fugiram.

— Menos Hubert. Ele ficou em pedaços.

— Gostaria de saber por que você voltou; poderia pôr uma boa distância entre nós. Bando de bastardos! Uma pedra despenca e começam a correr como um bando de coelhos assustados! Nem ao menos viram alguém, se é que havia alguém lá. Só pensaram em-correr.

— A pedra não caiu sozinha, Carl, ponha isso em sua cabeça. Quem a empurrou deve ter tido muito tempo para conhecer aquele penhasco e está bem escondido, em lugar seguro, de onde domina todo o terreno.

— O que nos deixa nas mãos deles, não é?

— Mais ou menos isso.

Os homens que haviam ficado escutavam em silêncio, esperando.

Paul acabou de enrolar um cigarro e o acendeu, sem perder a calma. Em seguida, continuou:

— Pelo meu modo de ver a coisa, só nos restam dois caminhos a seguir. Ou atacamos esses sujeitos, em massa, ou abandonamos essa viagem e voltamos para Corona City dando uma volta grande, como Jeff pensava em fazer. Você é quem decide.

Antes que Slate pudesse falar, uma voz grossa atrás deles disse:

— Nós vamos decidir por você, Slate.

O chefe do bando virou-se como se tivesse sido picado por uma cobra.

Vários revólveres estavam apontados para ele. E aqueles homens não vacilariam em atirar.

— Não vamos ficar mais tempo nesta ratoeira para sermos liquidados um a um, só porque você está mal da cabeça, Slate. Você pode ficar se quiser, mas nós vamos embora daqui. Você vem conosco, Paul?

— Eu fico — ele respondeu.

Tiraram as armas dos dois e as guardaram. Mostrando que já haviam decidido fugir, apanharam as mochilas e em questão de minutos haviam desaparecido.

Paul suspirou, exalando uma nuvem de fumaça. Com certa indolência, disse:

— Vamos ter de libertar as mulheres.

— Se algum dia eu puder descobrir quem organizou tudo isso... quem levou os cavalos e tudo mais, eu juro que hei de arrancar-lhe pessoalmente o coração.

— Acho que nunca vamos ficar sabendo. Que vamos fazer agora, vamos pegar a estrada também?

— Eu não imaginei que você fosse ficar do meu lado, Longess.

— Eu não devia ter ficado, mas quando faço um trato eu o cumpro até o fim. Você já deveria saber disso.

— Só sei que você é um fugitivo muito estranho. Paul riu entre os dentes. Depois disse:

— Quem vai levar a notícia às moças?

— Eu devia era botar fogo nas carroças com elas dentro. Está bem, está bem. Vá dizer a elas que vão para o inferno, Longess.

Ele se dirigiu para as carroças. Depois que deu a boa notícia, Paul notou que elas ficaram tão perplexas que nem ao menos replicaram. Voltando para junto de Slate, que já arrumara suas coisas, os dois homens começaram a andar, perdendo-se na escuridão da noite.

Só então as mulheres soltaram a língua, quase histéricas de medo por se encontrarem sós e desamparadas naquele deserto e sem a menor ideia do que deveriam fazer.

Naquelas condições, o fato de estarem livres ficou em segundo lugar. Só com a chegada do dia poderiam voltar a ter confiança suficiente para se decidirem a se pôr em movimento.

Mark separou seus lábios dos de May e suspirou.

— Está amanhecendo anjo. Ela abriu os olhos.

— Já? — disse num sussurro.

— Todos os dias amanhece, sabia?

— Mas os outros não são como este que começa. Ainda não entendi o que aconteceu, Mark.

— Bom, se você quer que eu conte com todos os detalhes, vamos ficar aqui dentro o resto do dia.

— Escute, dá pra você me soltar agora?

— Claro. Mas será por pouco tempo.

— Não vá pensar que vamos passar aqui o resto de nossas vidas. Não é um lugar muito confortável. Prefiro ir para casa.

— Me falar de casa e tudo o que isso implica é como falar em forca na casa de um enforcado. Eu já disse que não sou do tipo que se casa.

Ela começou a rir.

— Mas eu sou.

Ele se levantou e, espreguiçando-se, deu uma olhada pelo despenhadeiro.

— Talvez hoje seja o último dia que passamos aqui, se esses caras são como eu imagino que sejam.

— Estávamos falando de outra coisa, querido...

— Sim, eu sei, de casamento e essas coisas. Vou lhe mandar um presente.

May riu de novo e se meteu no estreito corredor.

— Já tenho meu presente... tenho você.

Ele inclinou a cabeça para poder vê-la.

Mesmo com os cabelos desgrenhados, suja de pó e as roupas em desalinho, ela era uma beleza. Seus olhos brilhavam como o sol nascente e seus lábios carnudos pediam beijos.

— Você está me pondo numa armadilha — queixou-se ele. — Não é possível que seja assim.

— Assim, como? — perguntou surpresa.

— Tão linda e tentadora.

— Isso é tudo o que você pode dizer esta manhã? Ele deu um sorriso brincalhão.

— Também acho que devemos continuar dentro da caverna mais alguns dias, mas é só para garantir que aqueles bastardos lá embaixo não nos causarão problemas.

— É aí que você se engana. Eu posso ter passado uma noite muito louca, mas tudo isso se acaba com o dia. Quero voltar a Corona City agora mesmo.

— Mesmo arriscando que nos peguem?

— Tudo vai dar certo se você for comigo.

— Tanta confiança me comove. Por enquanto, fique onde está que eu vou dar uma volta.

Deslizou pelo despenhadeiro como se fosse um lagarto. Ao chegar ao solo, viu o corpo esmagado pela rocha. Soltou uma praga e desviou o olhar.

Tinha certeza de que a perseguição havia acabado, porque desde que o dia começara a clarear viu, a distância, a calma que reinava no acampamento, como se estivesse abandonado.

Meia hora mais tarde, chegou ao lugar onde seu cavalo estava escondido. Arreou o animal, montou e dirigiu-se para as imediações do acampamento. Seguia com cautela, caso tivesse se enganado em suas suposições.

Não havia homens vigiando as carroças, ele logo constatou. Mas depois começaram a surgir as mulheres, ao ouvirem o ruído dos cascos do cavalo. Mark pensou que estivesse sonhando.

Quando se aproximou mais, ficou boquiaberto. Pela primeira vez lamentou que um homem não pudesse ter, legalmente, quantas mulheres quisesse.

Mas eram mulheres demais, inclusive para ele.

— Onde estão os homens? — perguntou.

— Fugiram. Quem é você? Vai nos ajudar?

— Eu diria que é exatamente isso que estou fazendo há alguns dias.

— Você sozinho?

— Sim.

— Não é possível! Os cavalos, os homens mortos...

— Joguei com a sorte. E sempre ganho. Uma ruiva adiantou-se alguns passos.

— Como vamos sair daqui? Você já pensou num jeito?

— Isso eu não posso resolver nem fazendo trapaça, linda. Vocês só têm duas opções. Ou voltam andando para Corona City, ou esperam até que eu possa mandar ajuda.

Olharam-se desoladas. Depois baixaram os olhos para os pés, calçados com sapatos pouco apropriados para uma caminhada como aquela.

— Quantos quilômetros tem até a cidade?

— Mais ou menos 90 quilômetros.

— Preferimos esperar, se você nos der sua palavra de que mandará ajuda, gente decente, com mulas para as carroças.

— Muito bem. Têm minha palavra. Eles deixaram comida que dê até amanhã à noite?

— Deixaram. Aqueles bandidos não levaram muita coisa.

— Muito bem. Vamos nos ver em Corona City. Ah, antes que me esqueça, May está comigo, sã e salva.

Virou o cavalo e foi embora, deixando para trás um ruidoso coro de vozes que falavam ao mesmo tempo.

Elas já nem pensavam mais em Slate. Entretanto, Mark continuava a pensar nele e seus pensamentos não podiam ser mais sombrios.

Mark deu uma espiada pela janela do hotel. Podia contemplar uma grande parte da rua principal de Corona City, por onde pouca gente transitava àquela hora em que o sol queimava como fogo. As sombras dos edifícios eram estreitas manchas escuras junto das calçadas.

— Você acha mesmo que ele virá para cá, garota? — perguntou, sem se virar.

May parou de escovar os longos cabelos diante do espelho e virou-se.

— Slate tem de vir, se quiser arranjar mais dinheiro. Eu ouvi quando ele disse que voltaria para cá se ficasse sem um centavo.

— Isso quer dizer que é aqui que ele guarda a grana. Já deveria ter chegado.

— Você se esqueceu que eles vêm a pé e que nós viemos a cavalo.

— Tenho a impressão de que, quando Slate chegar, não estará se sentindo muito feliz. Com um pouco de sorte, não vão lhe restar nem os pés para andar.

Virou-se para a moça e contemplou admirado a beleza soberba de May, com sua cabeleira dourada se derramando pelos ombros nus.

— Um dia vou me dedicar a resolver esse mistério — Mark comenou.

— Que mistério, querido?

— Você. Cada vez que a olho, me parece mais linda. Você se incomodaria se eu desmanchasse seu trabalho?

Apròximou-se dela com cuidado. Mas a moça o ameaçou com a escova de cabelos.

— Toque em mim e você vai ver.

— Não queria tocar você... Só queria beijá-la.

— Mas o que é isso? Você é sempre assim, insaciável?

— Insaciável? Que danadinha! Desde que me obrigou a jurar que visitaríamos um pastor, você mantém uma distância de quilômetros entre nós.

— Mas você sempre dá um jeito de reduzir essa distância quando me descuido.

— Então descuide-se um pouco, está bem?

— Volte para a janela e continue vigiando. Preciso acabar de me pentear.

Ele reprimiu um protesto, e voltou para a janela para continuar vigiando a rua. Mal se postara ali quando exclamou:

— Estão chegando! Pelo menos aqueles dois caras devem estar vindo de muito longe, e andando.

Ela correu para o lado de Mark e olhou para baixo.

Dois homens avançavam com dificuldade, apoiando-se um no outro. O aspecto de ambos era de total esgotamento. Estavam cobertos de pó, macilentos, arrastando as botas rotas como se os pés pesassem uma tonelada cada uma.

May sussurrou numa voz angustiada.

— São eles. Slate e Paul Longess.

— Bem, não vamos fazê-los esperar. Vá se vestir. O show vai começar.

Aproveitou a proximidade da moça e atracou-se com ela. Quando a beijou, ela se abandonou em seus braços, consciente de que aquele beijo, longo e apaixonado, bem

poderia ser o último se as coisas saíssem mal.

Derreados, os dois homens se apoiaram pesadamente no balcão. Mataram a sede sem trocar uma palavra. Slate fervia de ódio e seus pés em carne viva o enfureciam mais ainda.

— Vou encontrar esses malditos, Longess — disse, aprumando o corpo. — Juro que, quando eu pegar o cachorro que organizou tudo isso...

— Você vai arrancar o coração com suas próprias mãos — interrompeu Paul, enfadado. — Você já repetiu isso umas sete milhões de vezes.

Atrás deles, uma voz disse:

— Que diabos eu faria sem meu coração? Surpresos, eles se viraram.

Paul exclamou:

— May!

A moça e Mark estavam junto da porta. Instintivamente, Slate levou a mão à altura da cadeira, esquecendo-se de que o coldre do revólver estava vazio.

Paul grunhiu:

— Onde estão seus capangas, cara?

— Faço minhas armadilhas sozinho, compadre.

— Um cara sozinho? Mas que inferno! Bancamos os idiotas, Slate!

Mark mostrou os dentes numa careta.

— Nesse ponto estamos de acordo. Você é o tal de Paul Longess?

— É o meu nome.

— E esse outro lixo, então, é o grande Slate. Ouvi falar muito de você. Duas palavras e soube tudo a seu respeito. A moça disse somente: Slate e chicote.

Paul teve um sobressalto.

— A garota mexicana! — balbuciou, incrédulo. — Você fez tudo aquilo por uma mexicana!

— Era uma mulher, Longess. E morreu nos meus braços, das feridas feitas pelas chicotadas!

— Pensei que estivesse morta, quanto partimos.

— Você não tem nada a dizer, Slate?

— Tudo o que eu queria lhe dizer sairia de dentro de um tambor de revólver, se eu o tivesse.

— E você, Longess?

— Eu também estou desarmado.

O homem do bar havia se afastado, por via das dúvidas.

Os fregueses do saloon assistiam à cena de uma distância prudente. Mark fez um sinal para um deles.

— Você — disse. — Vá para trás desse sujeito e coloque sua arma no coldre dele. Depois afaste-se. Vou lhe dar uma oportunidade, Longess. É a última de sua vida.

May não conseguiu conter a exclamação:

— Não, Mark! Ele vai matar você, é um pistoleiro.

— Meu anjo, se você quer mesmo me levar para o altar, não me contradiga. Vá me esperar lá fora. Ou será que você não confia no homem com quem quer se casar?

Devagar, ela chegou à porta. O homem que Mark havia chamado já estava perto de Paul.

— Já? — ele perguntou, nervoso.

— Sim.

O revólver caiu dentro do coldre dele. Slate grunhiu:

— Tomara que você não o mate, Longess, porque quero retalhar o corpo dele pouco a pouco. E prefiro que esteja vivo para que sofra bastante.

— Chega para lá, Carl, e cale a boca.

— Você é um milhão de vezes melhor do que ele.

— Isso ainda vamos ver. Quando você quiser, herói — Paul esbravejou.

Em seguida sua mão voou para o cabo do .45. Foi um movimento perfeito de pistoleiro ágil e experimentado. Antes que a arma voasse para fora do coldre já estava engatilhada. Mas no instante fugaz em que a colocava na posição de tiro, seu dedo já começava a apertar o gatilho. Um estampido soou.

Mark nem perdera tempo sacando. Apenas virou o revólver e disparou com a arma ainda dentro do coldre.

A bala atingiu Longess no peito. Ele caiu de costas sobre o balcão e seu tiro se enterrou nas tábuas do assoalho.

— Eu sempre trapaceio e blefo, Longess, você devia saber. Não tenho jeito mesmo...

— Mark disse, ante o olhar de surpresa que o homem ajoelhado lhe deu.

O revólver pendeu dos dedos sem vida do bandido e ele ia tombando para o chão quando, com um salto, Slate tentou agarrar-lhe a arma. Mark disparou de novo e seu tiro arrancou os dedos da mão de Slate.

Gritando de dor, Slate se levantou.

Sem que a chamassem, May apareceu na porta, angustiada e tremendo de medo. Viu Mark de pé e vivo e não conseguiu conter um grito de alívio.

Mark disse:

— Traga a "arma" para meu amigo Slate e volte logo para a rua, anjo. E desta vez não entre enquanto eu não chamar.

A "arma" era um enorme chicote de couro que Mark desenrolou com um estalo seco. Slate afastou-se, os olhos arregalados de pavor.

— Olho por olho, compadre — disse Mark entre os dentes. — Quando eu acabar com você, Juanita irá descansar em paz. E eu também.

O chicote estalou. O facínora sentiu a mordida do couro em pleno rosto e deu um salto, urrando de dor. A mão esotraçada espalhou sangue para todos os lados.

Em seguida, os estalos do chicote se sucederam num ritmo crescente, selvagem. E gritos lancinantes respondiam ao som da carne sendo cortada pelo açoite.

Slate, afinal, caiu junto ao balcão e nem assim a tira de couro deixou de ir ao seu encontro vezes sem conta.

Num dado momento, o dono do bar começou a vomitar.

Os outros espectadores correram para a porta e desapareceram, espantados, sentindo o estômago subir-lhes pela garganta.

No terraço, May ouvia o estalar do chicote e os gritos. Fechando os olhos, reviu a tortura de Juanita amarrada à árvore. Agora, porém, aquelas chicotadas selvagens estavam vingando a mexicana. Era um castigo digno de um bandido como Slate.

Ela nunca soube quanto tempo durou aquele pesadelo. Acreditou ter passado horas desde o primeiro tiro dentro do saloon até o momento em que se fez silêncio.

May abriu os olhos e esperou, olhando para a porta.

Por fim, viu Mark aparecer no batente. Estava pálido e alterado. Não trazia o chicote e seu olhar procurou desesperadamente o da moça. Por fim, numa voz rouca, disse: — Morreu.

A moça correu para ele e se atirou em seus braços e lhe ofereceu a boca. Enquanto se beijavam com paixão, o

passado foi esquecido. Agora só lhes restava um futuro esplendoroso.

Embora esse futuro, para Mark Daniel, passasse pelo altar, um lugar onde não valiam trapaças.

FIM